

Análise dos sufixos –ança/-ença, -ância/-ência na obra do simbolista João da Cruz e Souza

Andréa Lacotiz¹

¹Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Universidade de São Paulo (USP)
Av. Luciano Gualberto 403 – 05508-900 – São Paulo – SP – Brasil

alacotiz@uol.com.br

***Abstract.** This paper studies the following suffixes: –ança/-ença, -ância/-ência, in Cruz e Souza's work, objectiving to describe the semantics values of their terminations; to detect if their meanings used nowadays occurred in that epoch; to verify which ways they link with his etymology; to consider the aspects of production and to evaluate which way could be constructed the stylistic effects to the meaning of suffixes as well we have been using nowadays. Besides, to check if the words are deriving from Latin or they were created based on other languages, especially French.*

***Keywords.** semantic; historical morphology; derivative suffixes*

***Resumo.** Este artigo aborda os sufixos –ança/-ença, -ância/-ência, na obra de Cruz e Souza, com o objetivo de descrever os valores semânticos de suas terminações; detectar se os significados de hoje já ocorriam naquela época; verificar de que maneira eles se relacionam com sua etimologia; considerar os aspectos de produção e avaliar de que modo efeitos estilísticos podem ter contribuído para o significado de sufixos tal como os usamos hoje. Além disso, averigua se os vocábulos são provenientes do latim ou foram criados com base em outras línguas, especialmente o francês.*

***Palavras-chave.** semântica; morfologia histórica; sufixos derivativos.*

1. Introdução

Considerando-se que uma língua transforma-se no decorrer dos séculos, não podemos aceitar que os estudos históricos sejam postos de lado. Existem lugares vazios na problematização histórica quanto aos aspectos morfológicos, pois a História nos mostra que a formação do léxico no português brasileiro é multidimensional.

Ainda hoje, muitos termos ou expressões possuem etimologia opaca, palavras carentes de estudo teórico, o que fomenta a publicação de bibliografias fantasiosas, de seriedade duvidosa sobre o assunto. Quantos termos ainda causam estranheza, ao compararmos sua etimologia ao seu uso contemporâneo? Como esses termos foram usados ao longo dos tempos? Na análise desse uso, certamente se encontram muitas das respostas que buscamos. Um caso evidente é o estudo dos sufixos, cujo percurso diacrônico é enigmático, pelo fato de não haver nenhum estudo da derivação sufixal calcado num século específico.

A polissemia de um sufixo é facilmente detectada quando se comparam vocábulos formados por uma mesma terminação. Apesar disso, nem todas as nuances ocorreram em todas as épocas, nem todas as possibilidades se confirmaram: as gramáticas históricas apenas apontam sua classificação semântica e as categorias por ele formadas, isto é, substantivos, adjetivos, advérbios, verbos.

2. A semântica dos sufixos e sua função na formação de palavras

Qualquer leigo ou iniciante no estudo da gramática, ao abri-la para consultar os processos de formação de palavras, irá se espantar com a quantidade de sufixos presentes na língua portuguesa. Ainda, o emprego desses sufixos se relaciona à mudança de classes gramaticais, processo pelo qual é possível a nominalização de verbos e adjetivos, por exemplo. Entretanto, caso seja feita uma leitura atenta da gramática, ficará a pergunta: por que existem tantos sufixos de valor semelhante se, pelo que parece, não há alteração semântica significativa pelo uso de uma ou outra partícula constituinte de palavras? O que faz existir no léxico a forma lembrança e não “lembração”, vingança e não “vingação”?

Sandman (1991:75-81) trata em sua obra dos bloqueios pertinentes à formação de palavras, ao discutir as condições de lexicalidade de termos da língua. De acordo com o autor, vários são os impedimentos responsáveis pela ausência de palavras, como as apontadas no parágrafo anterior. Em geral, a existência de uma palavra, na língua, impede o surgimento de outra de valor igual; embora o sistema possibilite uma forma nova, o uso promove e privilegia a já existente. O autor delinea os seguintes casos de bloqueio:

- a) bloqueio por derivados com sufixos de função igual: *trancamento/trancação; *tombamento/tombaço; *avaliação/avaliamento, dentre outros;
- b) bloqueio de formas complexas por formas simples ou outras formas complexas: *ridículo(subs.)/ridiculeza ou ridiculidade; *ladrão/roubador; *silêncio/silenciosidade; *valia/valiosidade.

Por outro lado, Sandman também cita dois casos de insubordinação às regras de produtividade lexical; o primeiro é produto da força estilística, através da qual o conteúdo daquilo que se quer transmitir seja feito com mais eficiência; o segundo, insere-se na linguagem infantil, já que a criança tem internalizados os mecanismos lexicais, mas não os gramaticais.

Uma explanação mais minuciosa dessas premissas foge ao escopo deste trabalho. Interessa-nos investigar o ponto em que o sistema virtual da língua possibilita a existência de certos termos, à medida que haja o bloqueio, ou, especialmente, quando existem formas paralelas, advindas da mesma base.

Casos há em que o dicionário e o próprio uso registram termos como observância/observação, aparência/aparição. Sobre esses sufixos, –ança/-ância/-ência e –ção/-são, as gramáticas assinalam o sentido de “ação ou resultado dela”¹. Se os verbetes forem consultados no dicionário, saber-se-á que eles não têm o mesmo significado: aparência/aparição, são ambos formados no latim, a partir da base –par(e), oriunda do verbo latino *parèo,es,ui,ìtum,parére* (agregada à preposição latina a-); observância/observação, possui a base –serv-, relacionada ao verbo latino *servo,as,ávi,átum,áre* (agregada à preposição latina ob-).²

Tais fatos mostram que os sufixos fazem mais do que alterar a classe gramatical de um termo. Faz-nos ver fortes indícios de que os sufixos carregam em si uma carga semântica, variável, que é acrescida à base. Sobre isso, Sandman (1989:30) demonstra o equívoco existente na gramaticologia portuguesa “*de que os afixos, principalmente os sufixos, são elementos semanticamente mais vazios do que, por exemplo, radicais (...)*”. O autor cita duas afirmações existentes em diferentes gramáticos:

“Ao contrário dos sufixos, que assumem um valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa...” (BECHARA, apud Sandman).

“Ao contrário dos prefixos que, como vimos, guardam certo sentido, com o qual modificam, de maneira mais ou menos clara, o sentido da palavra primitiva, os sufixos, vazios de significação (sic), têm por finalidade formar séries de palavras da mesma classe gramatical.” (ROCHA LIMA, apud Sandman).

Sobre tais assertivas, Sandman cita, como exemplo contra-argumentativo, o sufixo –ada, o qual não tem o mesmo significado em formações como: martelada ‘golpe de martelo’, facada ‘pontada com a faca’ (ibidem). Acrescentamos a esses exemplos, laranjada ‘suco de laranja’, goiabada ‘doce de goiaba’, goleada ‘grande quantidade de gols’, dentre outros sentidos que o sufixo pode adquirir, em certos contextos.

Basílio (1987:8) escreve que atribuir ao sufixo a função de mudar a classe gramatical de uma palavra não é suficiente, mesmo porque existem processos de derivação sufixal em que não há alteração da classe de palavras, citando como exemplo o caso dos diminutivos – mesa/mesinha, sapato/sapatinho, etc. Segundo a autora, os motivos que norteiam a formação de palavras constituem : “*a utilização da idéia de uma palavra em uma outra classe gramatical; e a necessidade de um acréscimo semântico numa significação lexical básica*”; aos quais se agrega o princípio de economia da língua, centrado na eficiência do processo comunicativo (idem, p. 9, 10).

No que diz respeito ao processo comunicativo, Vilela (1954:54) aponta que a motivação para a formação de palavras permeia “*as mudanças constantes operadas no mundo que circunda o homem*”. Desse modo, “*(...) o processo natural e normal de responder a todas as solicitações do extralingüístico – porque o mais econômico – é o que foge à arbitrariedade e ao meramente convencional: a formação de palavras (...). Em cada palavra formada, há algo de novo e algo de já conhecido, descomponível apesar das alterações sofridas no percurso derivativo...*”.

2.1. As possíveis abordagens de um sufixo

Aceitas as afirmações de que o sufixo possui significado e não apenas transporta a palavra de uma classe a outra, veremos agora o que contribui para sua polissemia. Segundo Viaro (2003), os sufixos não vêm tendo a atenção necessária, pois as gramáticas históricas descrevem sua polissemia e produtividade sem se aterem a um século específico. Isso significa não reconhecer o léxico como um organismo vivo, sujeito à reelaboração de muitas gerações que nele colaboraram.

Não desejamos afirmar aqui que o contexto pode modificar radicalmente o sentido de um termo. Sobre essa questão, Ullman (1977, p. 103) escreveu que “*se as palavras não tivessem significado para lá dos contextos, seria impossível compilar um dicionário*”. Existe um núcleo semântico sólido, ao qual se agregam novas

propriedades. Hegenberg (1974, p. 19,20) afirma que um termo só é compreendido, “quando se sabe os significados que ele poder ter (...) o uso de um termo depende do contexto apropriado (...) o contexto é o da experiência imediata(...)”.

Ao nosso ver, um trabalho com enfoque diacrônico deve observar a mudança articulada a fatores externos (sociais) e internos (estruturais). Sobre esse ponto, Bréal (1987, p. 45) denomina irradiação certos fenômenos lingüísticos que fazem elementos materiais de um signo contribuírem para com a apreensão do elemento formal. Embora ele não deseje entrar na discussão se ambos os elementos pertencem à mesma origem, quer “*somente mostrar que ela pode nos levar a considerar como pertencente ao ‘elemento formal’ letras ou sílabas tomadas a partir do ‘elemento material’*”.

Assim, segundo o autor, certos afixos podem não possuir em sua origem o significado que têm hoje. Como exemplo, cita os sufixos gregos e latinos, formadores de diminutivos, os quais não davam a idéia de diminuição. Sobre tal fato, Bréal acrescenta que, a partir do momento em que esse sentido foi acrescido, inúmeros vocábulos foram criados. A irradiação, portanto, agrega significados especiais, o que promove a propagação dessa nova nuance.

Em se tratando de -inho/-zinho, entre a acepção etimológica e os usos feitos desse sufixo, hoje, existe uma grande lacuna. Bassetto (2001:95,96), escreveu que o latim vulgar possuía um caráter muito mais concreto, conseqüente da mundividência de seus falantes, orientada, sobretudo, pelos problemas materiais. Entretanto, por ser quase exclusivamente falado, “*deve-se supor nessa comunicação a ênfase, a espontaneidade e a afetividade...*”. (...) “*A afetividade transparece de modo particular através de palavras com sufixos diminutivos, bastante numerosas no latim vulgar, que deram origem a correspondentes românicos, embora com perda do caráter diminutivo.*” (Ibidem, p. 97)

Da mesma maneira, todos sabemos que o português tal como o conhecemos hoje é o resultado de transformações ocorridas durante séculos. Para conhecermos as etapas evolutivas de uma língua, é necessário um estudo pormenorizado de seus vários elementos constitutivos. Nesse estudo, é preciso delimitar o papel do contexto e, mais, pontualizarmos o que entendemos por contexto.

Para isso, Ullman (1977:102-112) nos dá pistas. O autor cita que o contexto verbal não se restringe àquilo que precede e antecede a palavra, mas pode abranger a página, ou até o livro todo. Além do contexto verbal, faz-se necessária a análise do contexto de situação, o qual significa, primeiramente, a situação efetiva de emprego da palavra; e, num dado mais amplo, todo o fundo cultural contra o qual é posto o ato de fala.

Ainda segundo o autor, a semântica histórica assegura que o significado completo e o tom de certas palavras só podem ser captados se os colocarmos de novo no contexto cultural do período. Há que se levar em conta as palavras-chave que resumem os ideais de uma determinada civilização. De acordo com o postulado, “*Todas as palavras, por muito precisas e inequívocas que possam ser, extrairão do contexto uma certa determinação que, pela própria natureza das coisas, só podem surgir em elocuições específicas.*”. (ibidem)

2.2. Contribuições da Estilística

Mediante as premissas até aqui discutidas, podemos inferir que a reunião de significados a um termo, ou à parte dele, surgem por necessidade extralingüística ou por irradiação. A etimologia sustenta parte dessa significação, podendo permanecer como núcleo sólido, primitivo. O contexto, por sua vez, modifica parte do significado, daí a necessidade de verificar o contexto cultural de um período (contexto de situação). Resta-nos investigar a contribuição de fatores estilísticos.

Segundo Barbosa (1975:264,265), a derivação sufixal é neológica “*quando resulta de uma combinatória inédita de signos, os quais, por sua vez, sintetizam uma expressão ao nível frásico*”. Podemos dizer, então, que essa “combinatória inédita de signos” resulta do sistema virtual da língua, o qual por sua vez, desvia-se da norma padrão. Dessa forma, o autor pode ou não intuir esses processos, com base no uso cotidiano de palavras lexicalizadas, das quais se perderam o étimo, a significação de contexto, as metáforas, metonímias.

A gama de significados presente nos sufixos e sua propriedade de substituir uma expressão frásica proporcionam vasta possibilidade produtiva, autônoma em relação à gramática. A escolha do autor se debruça num conjunto de possibilidades, mas, de acordo com Caretta (2004:150):

(...) Para criar, entretanto, muitas vezes é necessário desviar-se da forma padrão. O desvio deve ser compreendido como tal; caso contrário, surge o erro. Desde que haja intenção e expressividade, o desvio pode ser visto como criação e, a partir daí, o texto é motivado, e o autor valorizado.”

Outro ponto importante, segundo Caretta (ibidem, p.147), é o fato de que essas criações lexicais surgem numa circunstância específica, prestam-se para expressar determinado conteúdo, mas não chegarão a fazer parte do dicionário. Essas idéias reforçam a necessidade de considerar os aspectos de produção das obras e avaliar de que modo podem ter influenciado na criação de palavras ou no desenvolvimento de certos sufixos.

O século XIX é marcado pela diversidade lingüística presente nas obras dos escritores, que seguiam as mais variadas formas de expressão literária. Sobre essa variedade, Martins (1988:13) afirma que, “*do conjunto da literatura oitocentista resulta (...) a impressão das infinitas possibilidades expressionais de uma língua em plena maturidade, maleável aos mais diversos usos*”.

Em relação ao emprego de neologismos, a autora (ibidem, p.31) afirma que, no início do século XIX, não foi muito recorrente, acentuando-se nas últimas décadas com os simbolistas, com o objetivo de aproximar a poesia da música. Sobre Cruz e Souza, escreve que em sua obra, há muitos neologismos, sobretudo, substantivos abstratos, criados pelo processo de derivação sufixal.

3. Análise dos sufixos –ança/-ença, -ância/-ência

Como dissemos anteriormente, os sufixos –ança/-ença/-ância/-ência possuem, de acordo com a gramática, o significado de “Estado” ou “Ação ou resultado dela”. Entretanto, a análise desses sufixos, na obra de Cruz e Souza, permitiu-nos captar outros sentidos. A partir de dados obtidos pelo Dicionário Houaiss, verificamos a etimologia-fonte, isto é, a palavra que deu origem ao verbete, assim como a base latina e seu

significado nessa língua. Confrontamos os dados mediante o emprego do termo no corpus analisado.

Encontramos três significações para o sufixo -ança, o qual formou na maioria substantivos abstratos. Esse sufixo foi responsável pela derivação de apenas 13 palavras, cuja maioria, de acordo com a etimologia abonada pelo Houaiss, formou-se no português. Apenas *aliança* (do francês) e *bonança* (do espanhol) formaram-se em outras línguas, a partir do mesmo processo, inclusive, da mesma base latina. *Bem-aventurança* é um caso de etimologia opaca, pois apenas encontra-se documentada no séc. XIV, segundo informação do Houaiss. Quanto ao significado do sufixo, 61,53% têm valor semântico de “ato durativo de x”; enquanto 15,38% significam “resultado de x”. O significado de “propriedade (ou característica) de x” (23,07%) provem do emprego do termo no texto literário.

Com -ença, foram encontrados 6 vocábulos, todos formados no latim. Desses, 50% aparecem com o significado de “ato durativo de x”, e outros 50% exprimem “resultado de x”, os quais formaram exclusivamente substantivos abstratos, já no latim.

O sufixo -ância, em sua maioria (59,23%), significa “propriedade (ou característica) de x”, além de também exprimir “ato durativo de x” (38,32%). A maior parte dos vocábulos formou-se no latim, excetuando-se *extravagância* (do francês) e *ambulância* (idem), sendo este último o único substantivo concreto do corpus.

De todos os sufixos analisados, -ência é o mais produtivo, totalizando 56 palavras, além de possuir um maior número de significados, o que nos fornece matéria para uma análise pormenorizada. Aos significados obtidos, “ato durativo de x” (39,28%); “propriedade (ou característica) de x” (37,5%); “resultado de x” (8,92%); somam-se – “excesso de x” (3,57%); “faculdade de x” (1,78%); “disposição a x” (1,78%); “assemelha-se a x” (5,35%). Comentaremos mais adiante sobre a essência de tais significados, no momento apontaremos aspectos relevantes quanto à derivação.

Sobre a etimologia, convém ressaltar que 66,07% das palavras já existiam no latim; 19,64% foram criadas no português; 12,5% vieram de outras línguas, especialmente o francês (apenas *minudência* veio do espanhol); e, finalmente, *quint’essência* (1,78%) possui etimologia opaca, de acordo com o Houaiss. Entretanto, há divergências quanto às informações contantes do dicionário. O Houaiss insere, como significado do verbete, uma rubrica filosófica, afirmando que trata-se de um termo presente na obra de Aristóteles. No mesmo dicionário, encontramos os seguintes dados etimológicos condizentes ao termo *essência*:

“lat. *essentia,ae* 'cerne, elemento nuclear da natureza das coisas', do v.lat. *esse* 'ser, existir', calcado no gr. *ousía,as* 'id'., de *ôn, oûsa,ón*, part.pres. de *eirní* 'ser', sob a f.rad. *ous-* do fem.; ver *s(er)*-“³

Ora, se o próprio dicionário registra tal informação, há de se prever que, sendo o termo *quinta-essência* (ou *quint’essência*) também de origem grega, já que encontrado em Aristóteles, pode ter sido igualmente calcado no grego. Temos, portanto, dois problemas, de ordem lexicográfica e etimológica, respectivamente: o primeiro é saber quando o vocábulo entrou no latim; o segundo trata-se de pontualizar a origem da palavra no português – veio do latim ou diretamente do grego?

Outra questão etimológica duvidosa constitui a palavra *lactescência*. O dicionário monolíngue *Le Petit Robert*⁴ registra, a respeito do termo *lactescence*, que se

trata de um termo literário na língua francesa, surgido em 1812. Seria, então, conveniente investigar se a entrada do verbete na língua portuguesa não teria se dado por influência literária do Simbolismo francês, e não ter sido uma criação dentro do português, como consta no Houaiss.

Fator interessante é o uso da palavra *diluência*, pois o Houaiss não a registra, portanto pode-se dizer que é de criação do autor. É provável que tenha sido formada de diluir + -ência, desse modo, o significado do sufixo, contextual, constitui-se “ato durativo de x”. Resta-nos, por ora, verificar as acepções inusitadas, mesmo perante o corpus, por serem menos recorrentes.

O valor semântico “assemelha-se a x” ocorre a partir dos vocábulos dormir e lactescer, segundo o Houaiss formados no português, mas também em sonolência, palavra já existente no latim. Isso significa que o núcleo semântico aparece anteriormente, no cerne das origens do português. Análoga é a situação do significado “excesso de x”, nos termos *corpulência* e *violência*; “faculdade de x”, na palavra *eloqüência*, pois esses vocábulos, conforme segue, também estavam presentes naquela língua.

No caso específico de “disposição a x”, valor presente na palavra *dolência*, seu significado é fruto de efeito estilístico, já que Cruz e Souza, na obra *Missal* (1893), dedica uma poesia em prosa, a fim de explicar os significados que o termo adquire, em meio a fatores culturais e ideológicos. Segundo seu texto, *dolência* seria um estado de espírito que permitiria sensações semelhantes à passagem da vida terrestre à vida celestial. Durante essa passagem, o narratário se expurgaria de toda materialidade, pela exposição à luz e a outras naturezas copóreas igualmente brancas e luminosas, que lhe proporcionariam a eternidade. Nesse aspecto, fica evidente, da mesma maneira, a permanência e a durabilidade desse estado de espírito; porém, destaca-se o caráter de ‘disposição de alguém’, por ser onírico e não real. Esse valor é encontrado especificamente no texto supracitado; já em outros empregos do termo, no corpus, prevalece o sentido de “ato durativo de x” para a palavra.

4. Conclusões

A associação de nossas considerações permite-nos expor que, ao contrário do que é afirmado nas gramáticas, os sufixos em português –ança, -ença, -ância, -ência possuem outros significados que não apenas “Estado” ou “Ação ou resultado dela”. Ainda, podemos dizer que tais significados atribuídos a esses sufixos são matéria de reflexão, já que o corpus não dá conta da totalidade de verbetes presentes no dicionário. Do mesmo modo, os gramáticos não consideraram o percurso histórico, assim como ignoraram as atuais teorias a respeito da formação de palavras.

A ocorrência de dupla sufixação, citadas no início deste trabalho, que fazem surgir palavras como aparência/ aparição, é a primeira pista válida para supor nuances diferentes para sufixos de mesma função. Este é caso dos sufixos estudados neste trabalho, assim como de –mento, -são/-ção, os quais formam substantivos abstratos a partir de verbos. O uso concomitante das formas deixa à deriva os bloqueios existentes na formação de palavras, justamente porque tais sufixos não formam palavras de valor idêntico. Da mesma maneira, para os sufixos, é válida a função de acrescentar significado à base.

Uma simples verificação do léxico permite-nos distinguir palavras tais como: ardência, ardor, ardimento; violência, violação; dor, sonolência, sono; criança, criação; lembrança, lembramento; vingança, vingação, vingamento; extravagança, extravasamento, extravasação; dentre outras. Se há casos em que não ocorre mais de uma derivação sufixal, a partir do mesmo tema, é porque não existiu solicitação extralingüística.

No que diz respeito ao corpus estudado, os sufixos abordados, procedentes de –antia, –entia latinos, conservam traços semânticos de adjetivo e de verbo. Isso ocorre pelo fato de provirem, em sua maioria, do tema do particípio presente latino, o qual exercia a função de verbo e de nome e que deu origem direta a adjetivos e substantivos com a terminação –nte⁵. É importante salientar que, no percurso para a língua portuguesa, o valor nominal desse particípio foi enfatizado, em detrimento de seu valor verbal, recategorizando-se em substantivos e adjetivos.

Sobre esse paradigma, se confrontarmos todos os vocábulos formados pelos sufixos estudados neste trabalho ao léxico da língua portuguesa, verificaremos que 80,68% deles possuem uma correlação com um adjetivo em –nte. Exemplos dessa assertiva são: a) em –ência: aparência, aparente; cadência, cadente; ausência, ausente; consciência, consciente; displicência, displicente; paciência, paciente; b) em –ância: distância, distante; elegância, elegante; ignorância, ignorante; intolerância, intolerante; c) em –ença: doença, doente; indiferença, indiferente; nascença, nascente; presença, presente; d) em –ança: confiança, confiante; pujança, pujante; semelhança, semelhante.

Dessa forma, a criação de substantivos obedece ao processo citado anteriormente, segundo o qual a sufixação permite o uso do conceito de uma palavra em uma outra classe gramatical, além de acrescentar um sentido a uma significação lexical. Assim, o sufixo termina por concentrar em si uma expressão de nível frásico. Façamos algumas experiências com sintagmas da obra de Cruz e Souza, já vistos neste estudo:

a) na ardência de um desejo... (substantivado)

*um desejo que arde (verbalizado)

*um desejo ardente (adjetivado)

b) uma refulgência de fornalha acesa... (substantivado)

* uma fornalha acesa que refulge (verbalizado)

* uma fornalha acesa refulgente (adjetivado)

c) na abundância de cristais e flores... (substantivado)

* cristais e flores que abundam (verbalizado)

* cristais e flores abundantes (adjetivado)

d) crenças de cada homem... (substantivado)

* cada homem que crê (verbalizado)

* cada homem crente (adjetivado)

Obviamente, não é possível essa transformação de todos os sintagmas, nem de sua maioria, nos quais há substantivos formados por esses sufixos. E é justamente por não ser possível a transformação que existe a necessidade de criação do substantivo.

Com isso, pretendemos mostrar a permanência de traços semânticos relativos a verbos e a adjetivos em substantivos cognatos de certos termos.

Ainda, podemos também supor que não há necessidade de haver cognação, isto é, a existência, no léxico, de um verbo, de um adjetivo e de um substantivo de mesma base. Tanto é verdade que, em muitos casos, não encontramos as três classes de palavras oriundas de um tema comum. Tal fato é facilmente explicado por duas premissas: a primeira diz respeito à irradiação, proposta por Bréal, que fala sobre a propalação de palavras, a partir do momento em que um determinado sentido é adicionado a afixos; a segunda concerne à necessidade comunicativa, à expressão de idéias, pensamentos, sentimentos, bem como às mudanças ocorridas no mundo.

A partir do corpus analisado, entrevimos outras nuances para os sufixos em questão, ainda não apontadas pelas gramáticas. Para isso, a verificação da etimologia foi de extrema importância, pois sem essa informação não temos a base de formação do núcleo sólido dos termos. Observamos a recorrência de significados naquele período que permanecem nos dias atuais, tais como: “ato durativo de x”, “propriedade (ou característica) de x”, “resultado de x”, estes superiores em quantidade. Outros, como “assemelha-se a x”, “excesso de x”, “faculdade de x” não foram tão produtivos, dentro da limitação de nosso corpus.

Gostaríamos de ressaltar a necessidade de um estudo mais profícuo em relação aos estrangeirismos - 12,5% dos vocábulos provieram de língua estrangeira, montante considerável tendo-se em conta o recorte deste trabalho. Também é preciso buscar se os meios de produção contribuíram para com o acréscimo de novos significados aos sufixos, não somente os abordados neste trabalho, mas em outros.

O contexto determina a criação de palavras, orienta o acréscimo de certos sentidos a elas e também auxilia na apreensão de seus significados. Isso só reforça a evidente lacuna deixada pelo abandono de estudos históricos e direcionados à criação de palavras enquanto regra e não como processo.

¹ cf. Cunha & Cintra, 1985, págs. 96-97.

² apud. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, versão 1.0 – Dezembro de 2001.

³ apud. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, verbete ‘essência’, ‘Etimologia’.

⁴ apud. *Nouveau Petit Robert*, verbete *Lactescence*

⁵ Consideremos os substantivos – caminhante, pedinte, ouvinte, estudante; e os adjetivos – concupiscente, veemente, resplandecente, pungente, por exemplo.

6 . Referências bibliográficas

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e produtividade: processos de neologismo*. São Paulo, Global, 1981.

BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português*. São Paulo, Ática, 1987.

BASSETO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica*. São Paulo, Edusp, 2001.

BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica*. Trad. Eduardo Guimarães. São Paulo, EDUC/Pontes, 1992.

CARETTA, Elis de Almeida Cardoso. A criação neológica estilística, *In: MATRAGA: Revista do programa de pós-graduação em Letras*. Rio de Janeiro. UERJ, ano 11. n. 16. Ed. Caetés, 2004.

-
- CRUZ E SOUZA, João da. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Ed. José Aguilar, 1961.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindsey. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1. São Paulo, Ed. Objetiva; 2001. CD-ROM
- MARTINS, Nilce Sant'anna. *História da Língua Portuguesa. V. Século XIX*. São Paulo, Ática, 1988 (Série Fundamentos).
- ROBERT, Paul. *Nouveau Petit Robert: Dictionnaire analogique et alphabétique de la langue française*. Version 1.3. Paris, Dictionnaires Le Robert; 1996-97. CD-ROM.
- SANDMANN, Antonio José. *A competência lexical*. Curitiba, Ed. da UFPR, 1991.
- _____. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba, Ed. Ícone, 1989.
- ULLMAN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Trad. J. A. Osório Mateus. Lisboa, Calouste Gulbenkian, 1977.
- VIARO, Mário. Para um estudo de semântica sincrônica dos sufixos derivacionais do português no século XIII. *Estudos Lingüísticos*, Taubaté: UNITAU, 2003. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/Mviaro021.pdf> . Acesso em: 23.05.2004.
- VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra, Almedina, 1994.